

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE
E PRÉ-ALAS BRASIL

04 a 07 de Setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

GT24 - Populações tradicionais, processos sociais e meio ambiente.

PESCA E TURISMO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO-RN

Paulo Gomes de Almeida Filho

Mestrando em Antropologia Social – PPGAS da UFRN

E-mail: pfilhoantropologo@hotmail.com

Francisca de Souza Miller

Orientadora e Professora Doutora do Departamento de Antropologia da UFRN

E-mail: fransmiller56@yahoo.com.br

Teresina – PI

2012

Introdução

Não há nenhuma dúvida de que vivemos em um mundo globalizado e também não duvidamos de que o nosso século representa a conquista do lazer como um direito humano. Neste contexto, o turismo, este produto a ser consumido e a consumir, põe diariamente em diversos pontos do globo, culturas muitas vezes antagônicas em situação de contanto.

O resultado deste encontro entre culturas implica em transformações em ambas as partes, e se apresentam aos estudos antropológicos como excelente espaço para investigação, sobretudo, pela atividade turística se tratar de fluxos migratórios de pessoas, que em face à diferença do seu anfitrião, tende a produzir, reproduzir e repensar a sua própria cultura (o mesmo também vale para o anfitrião). Desta forma entendemos que o turismo é mais do que uma atividade econômica, é um campo por excelência da antropologia.

Neste contexto, temos São Miguel do Gostoso, município localizado no litoral norte do estado a 102 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, inicialmente uma vila de pescadores - caracterizada pelo seu modo de vida simples e baseada no manuseio quase exclusivo do ecossistema local, após sua emancipação de Touros em 1993, São Miguel do Gostoso vem atravessando um crescente processo de urbanização em decorrência da atividade turística, resultando em uma descaracterização do espaço nativo. Seu potencial turístico deve-se as suas belas praias, de sua tranquilidade provinciana e dos ventos intensos que são apreciados pelos praticantes de Kitesurf¹ e Windsurf².

O artigo a seguir é fruto da experiência de pesquisa que culminou com a elaboração de nosso trabalho monográfico em 2011³, junto à comunidade acima citada. A elaboração da etnografia sobre a comunidade deu-se ainda entre os anos de 2009 a 2011, quando integrava como aluno bolsista de

¹ Desporto aquático que utiliza uma pipa e uma prancha com uma estrutura de suporte para os pés. Com a pipa presa à cintura, coloca-se em cima da prancha e, sobre a água, é impulsionada pelo vento que atinge pipa.

² Também conhecido como prancha à vela é praticado com uma prancha idêntica à prancha de surf e com uma vela entre 2 e 5 metros de altura e consiste em planar sobre a água utilizando a força do vento.

³ Pesca e Turismo em São Miguel do Gostoso/RN: Uma etnografia sobre as transformações promovidas pelo turismo em uma antiga vila de pescadores.

iniciação científica ao projeto de pesquisa coordenado pela professora Francisca Miller⁴, também sobre a comunidade pesqueira de São Miguel do Gostoso.

A pesquisa que se iniciou na segunda metade do ano de 2009, e que propiciou a elaboração da monografia, e conseqüentemente, deste artigo apoiou-se na observação participante⁵, na investigação documental, em registros audiovisuais e entrevistas informais. Tendo por objetivo descrever sobre as mudanças sofridas pela comunidade em virtude da expansão da atividade turística na mesma, levando-se em conta as implicações destas transformações sobre a comunidade pesqueira local, bem como da percepção desta acerca de tais mudanças.

Para tal, procuramos nos aproximar das principais autoridades e líderes informais reconhecidos pela população local. Segundo CICOREL (1975), é necessário que o antropólogo antes de inserir-se na comunidade a que deseja pesquisar, procurar primeiramente as autoridades locais, em uma forma de reconhecer seu poder e representatividade diante de seus comuns, uma vez que estes líderes podem se sentir desprestigiado pelo pesquisador e prejudicá-lo em seu trabalho. Também foi nossa estratégia, a fim de reconstruirmos a história da comunidade, recorrermos ao que LE GOFF(2003) denominou de “especialistas da memória”⁶

É importante ser dito, que São Miguel do Gostoso é um município extenso, dividido em zona urbana e zona rural, como nosso enfoque dar-se sobre a comunidade pesqueira que reside na faixa litorânea da cidade, onde

⁴ Doutora em Antropologia pela PUC-SP, professora do departamento de Antropologia (UFRN), coordenadora da grupo de pesquisa ETAPA e do projeto intitulado “Estudos Etnográficos de algumas comunidades pesqueiras do Rio Grande do Norte e vizinhanças”.

⁵ Segundo KLUCKHOHN (1946:103) “A observação participante é a coparticipação consciente e sistemática, tanto quanto as circunstancias permitirem, nas atividades do grupo de pessoas e, se necessário, nos seus interesses, sentimentos e emoções”.

⁶ Segundo LE GOFF (2003:425) “Nestas sociedades, há especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códigos reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’, dos quais Balandier (1974, p.207) diz que são ‘a memória da sociedade’, simultaneamente depositários da história ‘objetiva’ e da história ‘ideológica’, para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também ‘chefes de família idosos, bardos, sacerdotes’, segundo a lista de Leroi-Gouhan, que reconhece a esses personagens, ‘na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo’”

por sua vez, as transformações impulsionadas pelo turismo são mais latentes, direcionamos nossa investigação sobre a zona urbana da cidade.

Sendo assim, usaremos os seguintes termos quando referirmos a São Miguel do Gostoso: *Vila* - ao nos referirmos a São Miguel do Gostoso antes de sua emancipação em 1993, *Cidade* – em referência ao município como um todo, e finalmente, *comunidade*⁷ – referindo-se ao núcleo de pessoas que vivem na costa do município e que tem (ou tinha) a pesca artesanal como principal atividade.

Quando ainda iniciante na pesquisa, da qual este artigo é fruto, orientamos nossos questionamentos em torno da organização política entre os pescadores, o que também é importante, mas a simples observação e entrevistas com os nativos⁸, percebemos que o turismo está no cerne das discussões locais. Sem dúvida, pesquisar sobre São Miguel do Gostoso na atualidade e não redigir ao menos algumas folhas sobre as mudanças pelas quais a comunidade atravessa, é realizar um trabalho insuficiente.

Tais transformações suscitam a nosso ver, algumas reflexões ainda não postas à luz da antropologia, por este motivo, este artigo tem por objetivo central descrever as principais mudanças, tanto no aspecto infraestrutural, como no cotidiano dos nativos frente as mudanças engendradas pela atividade turística na comunidade.

O artigo encontra-se dividido em duas seções além da conclusão, na primeira delas faremos uma descrição da comunidade, de sua localização geográfica, de sua história, de suas atividades econômicas elementares, organização política, educação, sistemas de saúde, religiões e festividades, em suma, um estudo da morfologia social⁹ da comunidade pesqueira local. No segundo momento entraremos de fato na descrição e discussão sobre a atividade turística na comunidade, apoiando-nos em fundamentos teóricos,

⁷ Segundo WEBER (1973:142) “Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo”.

⁸ O termo nativo é aqui utilizado para denominar a todos os moradores que nasceram na comunidade

⁹ Entendemos por morfologia social o estudo sobre as principais instituições e estruturas que alicerçam uma sociedade, por exemplo: religião, economia, direito, saúde, educação e etc.

entrevistas e observação que propiciaram enxergar as mudanças no espaço físico e no comportamento de nossos interpretes, finalizando com a percepção formada por estes acerca de tais mudanças.

São Miguel do Gostoso: a morfologia social de uma comunidade de pescadores.

Sob as coordenadas: latitude 5° 07' 29" Sul e longitude 35° 38' 21" Oeste, encontra-se São Miguel do Gostoso, município desmembrado de Touros no dia 16 de julho de 1993 sob lei nº 6.452. Encontra-se a 102 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, esta localizado no litoral norte do RN e possui uma área de 342,45 km². Limita-se ao norte com o oceano Atlântico, ao sul com Touros, ao leste com oceano Atlântico e Touros e ao oeste com Pedra grande e Parazinho¹⁰.

Segundo o IDEMA (Instituto de Desenvolvimento e Meio Ambiente) a população do citado município, é de aproximadamente 8.810, sendo 4.628 homens e 4.171 mulheres. Do total de 8.810, 3.679 pessoas vivem no perímetro urbano e 5.131 na zona rural da cidade. Também segundo o IDEMA, o IDH da localidade é de 0, 558.

A vila de São Miguel foi fundada em 29 de setembro de 1884, dia este, dedicado a São Miguel. De acordo com a etnohistória local, nesta data o frei João do Amor Divino, fincou na praia do Maceió um cruzeiro para referenciar o acontecimento. No início o cruzeiro foi usado para a celebração de missas, batizados e casamentos, mas com o passar dos anos tornou-se cemitério.

O nome da cidade, segundo alguns informantes, deve-se a um comerciante local, exímio contador de histórias, sempre acompanhadas de uma risada "gostosa". Com isso, ficou conhecido por Seu Gostoso. Com o tempo a vila passou a ser denominada por *Vila de Seu Gostoso*, depois por *Vila do Gostoso*, depois por *Gostoso* simplesmente.

No ano de 1899, Miguel Félix Martins inaugurou uma igreja em homenagem a São Miguel, por uma graça alcançada. Unindo-se os dois fatos históricos para dar à vila o nome de São Miguel do Gostoso. Fora do âmbito

¹⁰ Informação obtida através do "Perfil do seu município", produzido pelo IDEMA em 2007.

local, por ser o povoado um dos territórios de Touros, era a princípio denominada São Miguel de Touros. Porém em 1993 a comunidade conquistou sua emancipação política, transformando-se em cidade, após isso, a população através de plebiscito reivindicou ser nomeada por São Miguel do Gostoso.

Embora tenha sido identificada a presença de igrejas protestantes na localidade, a comunidade é majoritariamente constituída por católicos. Na avenida principal¹¹ encontra-se a igreja católica, cujo padroeiro é o santo anjo que dera nome a cidade, cujo dia a ele dedicado é motivo de grande festividade na comunidade, ocasião em que ocorrem procissões em terra e mar, missas e casamentos coletivos.

Falar sobre casamento é sem dúvida adentrar nas características gerais das famílias nativas. Casar-se cedo e constituir família numerosa é ainda um costume local. Em geral casa-se por volta de 13 a 14 anos, costume difundido culturalmente desde o Brasil colônia, com o intuito de povoar o território. Segundo José Torres, ter família numerosa era essencial para o trabalho no campo, uma vez que os nativos não podiam pagar pela mão de obra:

“[...] Nós temos casos aqui de moças que aos 13 anos já são mães. Temos casos de rapazes que aos 14 já são pais. Então a pessoa com 72 anos já é tataravô. Nós temos casos aqui no município de avós com 30 anos de idade, ou seja, elas foram mãe aos 13 ou 14 anos de idade e os filhos ou filhas já foram também. A maternidade e paternidade é muito cedo, é precoce”. (José Torres - empresário, 02/2011)

Segundo BEZERRA (2009) em geral, os casais não formalizam o relacionamento, ou só o fazem quando ocorrem casamentos coletivos. É comum entre os nativos se “juntarem”¹². A maioria das vezes, os casais se unem após o nascimento do primeiro filho, passando a residir em casas construídas na parte de trás do terreno dos pais do rapaz, sendo assim entendida pela antropologia, como uma comunidade que se organiza no espaço de maneira patrilocal¹³.

No que diz respeito ao sistema de saúde de São Miguel, informa-nos o IDEMA (2007) que a comunidade conta com 4 unidades de saúde, todos eles

¹¹ Avenida dos Arrecifes.

¹² Entendido pelos nativos por união sem casamento oficial: religioso e/ou civil

¹³ Entendido pela antropologia como forma de organização sócio espacial, onde as novas famílias formadas passam a residir próximo a moradia dos familiares do homem.

do SUS (Sistema Único de Saúde), sendo a unidade mista Dr. Ricardo Simone o mais conhecido estabelecimento de saúde da comunidade, nele são realizadas consultas e exames de rotina, e principalmente partos.

Segundo D. Maria das Mercês, antiga parteira da comunidade, até pouco tempo a única responsável pela tarefa de auxiliar o parto das mulheres da comunidade era ela quando não havia estabelecimentos de saúde e nem médicos na localidade:

“Já fiz mais de 1000 parto, Estes meninos que passam por mim e pede a benção é porque eu ajudei a botar eles no mundo. O primeiro parto que eu fiz, foi o meu mesmo, daí então não parei mais. [...] quando eu não consigo, porque o menino tá atravessado, aí chamam a ambulância e levam pra Natal, e mesmo assim eu acompanho. Ainda hoje eu ajudo lá no posto, tem parto que o doutor não consegue e aí me chamam”. (Maria das Mercês – parteira. 02/2011)

Percebemos que apesar de algumas melhoras no que tange a saúde pública local, o sistema de saúde local ainda é incipiente, possivelmente, consiste nisto o fato dos moradores locais até hoje fazerem uso da medicina popular, com uso de plantas para o tratamento de algumas doenças, existe também na comunidade rezadeiras e curandeiros, que em seus rituais de cura, utilizam-se do ramo de alguma planta para o procedimento (SANTOS, 2009).

No que remete a educação, ao sistema público de ensino na localidade, São Miguel do Gostoso possui duas escolas que funcionam no mesmo prédio, - a escola municipal Coronel Zuza Torres funcionando desde 1987 no turno da manhã, e a escola estadual Olímpia Teixeira no turno vespertino e noturno. A primeira fornece o ensino infantil e fundamental, enquanto a segunda, o ensino fundamental e médio. Até 1987 a comunidade não tinha escolas e nem professores, para estudarem, as crianças eram enviadas a Touros. Até hoje o município é carente de profissionais da educação e a maioria dos docentes são de outras localidades. Foi nos relatado que o deslocamento para outras cidades, principalmente para a cidade de Touros, era o principal motivo para o abandono escolar.

A economia de São Miguel do Gostoso, até pouco tempo era de subsistência e o consumo bastante reduzido, Também entendemos que a comunidade aqui referida, seja de pescadores artesanais, pois sua pesca é de

pequena escala, sua tecnologia é simples, seus grupos de trabalho são mediados pelas relações de parentesco:

Cuja pesca se caracteriza pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção – se bem que atualmente, esses pescadores tenham se modernizado bastante, produzindo com grupos de trabalhos formados por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres dos botes. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como a comercialização. (MALDONADO, 1986:15)

A pesca e a agricultura eram as principais atividades econômicas da comunidade, até a entrada do turismo, foi um atenuante em nossas entrevistas com os pescadores locais, o relato que muitos deles se dividiam entre a terra e o mar, pescavam durante o verão e plantavam em suas roças com a chegada do inverno. Neste movimento cíclico, os pescadores-agricultores da comunidade produziam o necessário para suprir as necessidades básicas do vilarejo:

"Antigamente era assim, no verão nós ia pro mar pescar, mas quando chegava o inverno nós voltava pro tabuleiro, que era onde fica as roças." (José "coxo" – dançante do boi-de-reis, 02/2011)

Por muitos anos, os pescadores-agricultores produziam o básico para o sustento familiar e algum excedente para ser vendido ou trocado por aquilo que não podem produzir. Consoante a isto, temos o relato do funcionário público, "Pelé":

"Meu pai passava o ano criando porcos pra no final do ano vender e comprar uma roupa melhor pra gente. Minha primeira boca de sino¹⁴ e cavalo-de-aço foi comprado com o dinheiro da venda dos porcos." (Pelé – funcionário público. 02/2011)

No relato anterior percebemos algo comum a muitas sociedades camponesas, que WOLF (1970) denomina de *fundo de manutenção*, em que o camponês produz um excedente que lhe servirá de troca por alimentos, objetos, ferramentas e até roupas (como no caso acima).

¹⁴ Tipo de calça comum nos anos 70, cuja as extremidades de suas pernas são mais largas em formato de sino.

Uma das formas de comercialização do pescado e dos gêneros alimentícios produzidos pelos nativos era através do escambo. Segundo BEZERRA (2009) este sistema de trocas está presente desde o surgimento de São Miguel do Gostoso, quando os colonos utilizavam-se da troca para interagir com os indígenas da localidade. A moeda corrente daquela época em era o próprio produto. Geralmente trocavam milho, feijão e farinha pelo peixe e vice-versa.

Já há algum tempo, no que diz respeito à comercialização do pescado, existe a figura do “atravessador”, este tem por função comprar o pescado diretamente dos pescadores, e depois vende-lo em outras localidades. Segundo BEZERRA (2009) os pescadores de São Miguel se sentem injustiçados pelo preço injusto pago pelos atravessadores, mas se sentem impotentes diante desta situação, pois apesar de se sentirem explorados, os pescadores se veem dependentes dele, uma vez que, não possuem tecnologia para o beneficiamento e conservação do pescado, como também não possuem transportes adequados para escoar a produção. Além disto, o atravessador consegue a submissão e fidelidade do pescador através da dívida. Compram a sua fidelidade, quando cedem-lhes o material necessário para a pescaria, quando emprestam-lhes dinheiro quando necessitam por motivos de saúde ou outros de igual importância. Sendo assim, sempre estão em dívidas, muito mais de caráter moral do que qualquer outro aspecto:

“(...) O atravessador chega e dá o combustível da embarcação, aí ele amarra naquilo ali. Eles chegam e tem que entregar pra eles...” (Aldenor – presidente da colônia, 02/2011)

A composição e organização dos tripulantes das embarcações em geral são mediadas pela rede de parentesco. A comunidade possui 500 pescadores, 85 possuem embarcações, os demais se inserem na tripulação¹⁵. Sendo assim, em caso de desfalques na tripulação por irmãos, primos, filhos ou tios, estes são substituídos pelo compadre - amigo muito próximo da família, geralmente padrinho de um dos filhos do amigo pescador. Fato também evidenciado por MILLER (2002:68): *“As relações de parentesco e de amizade na comunidade, portanto, são o referencial mais imediato pelo qual os*

¹⁵ Informação cedida pela colônia de pescadores de São Miguel do Gostoso.

pescadores formam suas tripulações para o mar”.

Em São Miguel do Gostoso a tripulação é composta pelo “mestre” – chefe da tripulação, conhecedor do pesqueiro¹⁶; “Meeiro” – ajudante do mestre, recolhe a rede e retira o peixe; e o “Piloto” – sua função é conduzir a embarcação até o pesqueiro indicado pelo “mestre”.

As formas de divisão do pescado são específicas de cada comunidade de pescadores. Em geral 50% ou mais pertence ao dono da embarcação, por ser ele o proprietário da embarcação e também porque lhe cabe cobrir com a sua parte vendida, as despesas dela, além disso, o dono da embarcação fornece a alimentação da tripulação, os equipamentos necessários e o gelo para conservação do pescado. Na comunidade estudada, as formas de divisão do produto também obedecem a esta lógica, a outra parte será dividida entre os membros da tripulação (Mestre, Meeiro e piloto), sendo que desta parte, ao mestre caberá a maior quantidade, por entenderem como forma de valorizar seus conhecimentos de mestrança.

Em relação ao tempo, percebemos que na comunidade aqui referenciada, a temporalidade difere do tempo das grandes cidades, pois atuam sob uma lógica própria dissonante do ritmo urbano-industrial. O tempo aqui abordado é o tempo da natureza, baseado nas especificidades dos ecossistemas marinhos, na direção dos ventos, na intensidade das marés e nos ciclos biológicos das espécies marinhas a serem capturadas:

“É possível dizer que os pescadores artesanais ainda tecem seu próprio tempo, num ritmo dissonante do ritmo urbano-industrial, pois sua vida segue os movimentos próprios da natureza – das marés, das espécies, dos astros e da atmosfera”.
(CUNHA, 2003:71)

Embora a pesca artesanal revele algumas modificações em relação às formas de saber praticadas no passado, pescar artesanalmente implica uma série de conhecimentos acumulados ao longo de diversas gerações sobre a natureza a ser explorada, baseando-se no saber, na experiência e intuição.

As formas de organização e representação política entre os pescadores

¹⁶ Diz-se sobre o local onde se encontra peixes em abundância. O mestre encontra o pesqueiro através de operações metais que se baseiam nos astros e em marcos naturais. Para não ser encontrado por outros pescadores, e assim esgotarem o pesqueiro, os mestres mantem o segredo sobre pesqueiro descoberto.

podem assumir formas variadas a depender dos costumes de cada comunidade. É normal que se organizem e se mobilizem em torno das colônias de pesca ou associações. Em São Miguel do Gostoso encontramos as duas – Colônia de pescadores (Z-34) e associação de pescadores. Todavia, também constatamos a existência de lideranças informais – aquelas que não estão ligadas a órgãos ou instituições propriamente ditas. A colônia possui 500 pescadores cadastrados, e tem um papel muito mais assistencialista entre os pescadores, no que diz respeito ao agenciamento de licenças para pesca, seguros e aposentadoria. A Associação de pescadores da comunidade fora formado por aqueles que não simpatizavam com a administração da colônia. A princípio a Associação teve por finalidade a criação de uma cooperativa, que nunca saiu do papel. Hoje com 20 sócios, a Associação é presidida por Leandro, e tem por única vantagem aos sócios, a venda do gelo por um preço menor.

Temos então um breve quadro sobre a história da comunidade, bem como de sua organização social. A seguir, discutiremos com mais afinco sobre as principais mudanças engendradas pela inserção do turismo no espaço nativo, de suas implicações sobre a pesca artesanal e a percepção formada pela comunidade acerca de tal processo.

Turismo e suas implicações sobre a comunidade estudada.

Como dito anteriormente, o potencial turístico de São Miguel do Gostoso advém principalmente de suas condições ecológicas e geográficas. Além das praias de uma beleza exuberante e da tranquilidade que lhe é característica, São Miguel reúne condições climáticas não vistas em outras cidades do nosso estado, como por exemplo, os ventos típicos de uma região que se encontra na “curva do continente”, são atrativos aos esportistas náuticos. Todavia, a expansão da atividade turística na comunidade traz consigo uma série de implicações sobre a cultura da comunidade, que vão além das mudanças em sua infraestrutura física.

A comunidade vive uma espécie de “milagre econômico”, se mobilizando para a construção de um espaço agradável aos novos visitantes,

visível, por exemplo, pela preocupação com a limpeza das vias públicas da comunidade:

É notável por toda região a presença de depósitos de lixos e frases que conscientizam a população a preservar o meio ambiente, da mesma forma, nos parece que os moradores assimilaram a proposta municipal, contribuindo na preservação do meio que residem [...] tais atitudes transformam a vila, em um lugar atrativo aos turistas, graças ao meio natural que dispõem e preservam (BEZERRA, 2009:30)

BEZERRA (2009) também relata sobre a iniciativa dos donos de pousadas pela instalação dos serviços de telefonia móvel (ainda incipientes), telefonia fixa e internet banda larga:

Segundo os moradores, iniciativa de alguns donos de pousada, que de certa forma contribuíram para disponibilizar o serviço dentro da comunidade. Tal serviço atende as necessidades dos nativos e turistas que se encontram na região. (BEZERRA, 2009:41)

O turismo na localidade também tem proporcionado aos nativos o acesso ao mundo dos estrangeiros. Para BEZERRA (2009) os empreendimentos turísticos que se instalam na localidade, vem promovendo a descaracterização dos espaços destinados à pesca, como também, mudam o comportamento dos moradores:

Com a chegada dos empreendimentos turísticos na região, São Miguel do Gostoso enfrentou e enfrenta um processo de “descaracterização”. As feições do tradicional centro pesqueiro foram modificadas para centro turístico, modificando não apenas a vila, mas a pacata vida dos moradores. (BEZERRA, 2009:13)

A produção pesqueira na comunidade também sofrera transformações, já que a demanda pelo pescado aumentou nos últimos anos em virtude da procura pelos turistas dos principais pratos da terra, principalmente o peixe acompanhado do pirão¹⁷. Com a valorização do pescado, este passa a ser disputado pelas pousadas e restaurantes que recebem os turistas. Visto isso, a tecnologia pesqueira tradicional necessita modificar-se de modo a aperfeiçoar a captura, acelerando o processo natural e produzindo maior excedente. Por

¹⁷ Alimento obtido a parti da junção do caldo do peixe cozido com a farinha de mandioca.

outro lado, tal mudança vem promovendo a degradação do ecossistema marinho:

"A medida que o peixe se transformam numa mercadoria, a percepção dos recursos se modifica. Instala-se o comportamento de rapina; os recursos são vistos como limitados, e o sucesso da pescaria depende da pressa com que se processa a captura. Impossibilitados de proteger suas áreas tradicionais de pesca, já invadidas, os pescadores locais lançar-se-ão também na pesca predatória. Rompe-se a solidariedade grupal e o resultado final é o abandono puro e simples da pequena pesca que já não permite nem a produção dos meios de subsistência nem a transformação dos pequenos pescadores em proletários do mar que passam a participar diretamente na pilhagem dos oceanos" (DIEGUES, 1983:102)

Outra mudança significativa engendrada pelo processo de urbanização é a especulação imobiliária. Para BEZERRA (2009) a expansão turística na comunidade, também fez com que o mercado imobiliário crescesse, e conseqüentemente, a especulação imobiliária.

"Todo ano eles vêm pra cá e querem comprar esta casa, já me ofereceram 200 mil, mas eu não vendo." (Aldenor – presidente da colônia Z-34, 02/2011)

Muitos pescadores venderam seus terrenos na praia e investem o valor na abertura de pequenos estabelecimentos comerciais, por exemplo, restaurantes e lojas de artesanatos, no que restou de sua residência após a venda de parte do terreno. Com exceção das propriedades do Aldenor (presidente da colônia de pescadores) e do Dedé de Tico (pescador), as demais propriedades localizadas nas praias foram vendidas ou estão cercados para especulação, segue o relato:

"Quem não venderia um pedaço do terreno que nem comprou por 100 mil, 200 mil? Porque todo mundo de São Miguel tomou posse, num compraram nada. E tem mais, os gringos só querem a parte da praia, que é justamente onde ficava os quintal, os banheiro. Quer dizer, eles pagam 100, 200 mil pra construir onde antes nós cagava" ("Pelé" - funcionário público, 02/2011).

A venda da posse da terra, geralmente herdada pelos seus antepassados, é apontada por DIEGUES (1983) como mais um fator responsável pela "estrangulação" da pequena pesca:

A venda da posse significa, em geral, o afastamento da praia e a migração para a cidade. Ali, o pequeno pescador passa a reforçar o contingente sempre crescente dos subempregados que vivem de pequenos serviços aos turistas, ou a comprar uma baleeira motorizada, com a qual passa a viver exclusivamente da pesca. (DIEGUES, 1983:165)

O convívio com os turistas também faz surgir entre os pescadores, novas necessidades:

Com as facilidades de abertura para o macro-mundo, a dependência dos habitantes locais, do micro-mundo natural de imediato passou a ser partilhado com esse mundo de fora... bens, valores, e atitudes, do mundo urbano que se tornou mais próximo dos pescadores, refletiram-se no seu comportamento e criaram novas necessidades. (FURTADO, 1987:324)

A percepção dos nativos acerca do processo de urbanização da comunidade, a maioria das vezes vem acompanhada da frase presente na maioria dos discursos: "a cidade tá se modernizando".

"Antigamente a vida era muito difícil, num tinha oportunidade de nada, a gente ou pescava ou plantava, num tinha dinheiro pra uma roupa nova, pra passear, ou era pesca ou roça, quem não podia fazer isso, tinha que sair daqui. muitos pescadores daqui foram pra Santos, meu marido foi pra Santos, dois filho meu também. Hoje tá muito melhor, tá moderna (a cidade), tem pousada, restaurante, loja, banco, hospital... aqui num tinha nada, as ruas era tudo de barro". (Maria das Mercês – parteira, 02/2011)

Percebemos então, que o que se entende por modernidade é o próprio processo de urbanização - através do saneamento básico, do calçamento das ruas, da chegada de bancos, pousadas, restaurantes e etc. Em suma, associam a modernidade a alternativas econômicas, a expansão do comércio e ao poder de compra que aumentou nos últimos anos.

O surgimento de outras atividades econômicas é um dos principais fatores que enfraquecem a pesca artesanal. MALDONADO (1986) anuncia a transformação na ideologia dos próprios pescadores, que por efeito adaptativo se transformaram em homens independentes, mas que diante deste novo contexto, os pescadores que não tiveram a mesma sorte na venda e reinvestimento dos seus imóveis, passam a trabalhar como assalariados em

pousadas da cidade, assim como suas mulheres e filhos.

As mulheres dos pescadores, quase sempre do lar e dependentes de seus esposos, tinham como únicas atividades a administração do lar, a criação e educação dos filhos, a alimentação dos animais que ajudam na dieta da família. Por vezes estas mulheres, complementavam a renda através da venda de redes e bordados ou mesmo pescando mariscos em mar raso. Hoje cada vez mais emancipadas, trabalham em casas de veraneio, pousadas, lojinhas de artesanatos, mercearias e restaurantes.

Também vemos desfigurar a lógica de CASCUDO (1954) de que os “filhos de pescadores, pescadores também são”. Cada vez menos estes se sentem atraídos pelo ofício dos pais, visto o seguinte relato:

"A mocidade de hoje num quer mais pescar. Por isso que a pesca tá se acabando. Eu também num quero que meus filhos pesquem, porque é uma profissão muito arriscada e desvalorizada. Por isso quero que eles estudem e trabalhem com outra coisa". (Leni – pescador, 02/2011)

A dificuldade de reposição da força de trabalho para atividade é outro fator motivador da crise na pequena pesca. A nova geração prefere trabalhar na construção civil, em pousadas e lojas, a terem que enfrentar as dificuldades e perigos do ofício dos pais:

A reposição da força de trabalho constitui, sem dúvida, o ponto de estrangulamento da pequena pesca, na medida em que os filhos agora raramente se integram na pequena pesca, preferindo empregos urbanos que os afastam gradativamente da praia. (DIEGUES, 1983:165)

Todavia, este trabalho conseguiu evidenciar que os nativos não apenas conseguem detectar as mudanças positivas que vieram com a expansão turística da localidade, como percebem também as mudanças que julgam como prejudiciais:

“Muita gente aqui usa Pipa como exemplo... tem muita gente comentando, aqui o que aconteceu lá.” (Ariclenes França - estudante, 02/2011)

A fala do informante acima remete a preocupação dos nativos com o fato de poder ocorrer em São Miguel do Gostoso o mesmo que ocorreu em Pipa, antiga vila de pescadores, onde os espaços destinados à pesca foram ocupados para fins turísticos, e onde a expansão da atividade veio

acompanhada com o aumento da criminalidade, da criação de locais de prostituição e de vendas de drogas:

“Outro dia os gringo me pediram pra levar até um lugar onde vende estas coisas (drogas), mas eu não sei não... só sei que é perto da entrada (da cidade). Ainda bem que eu não fui, no meio do caminho a polícia parou eles, com os gringo tudo doido... Aqui antes não tinha destas coisas, é de um tempo pra cá. Você sabe, os gringo gosta disso, então vem gente de fora, de Natal pra vender estas coisas aqui.” (Pelé – funcionário público, 02/2011)

Por fim, o próprio espaço da comunidade, apropriado pelos novos residentes, que os nativos fazem questão de interpelar, como fica evidente no relato a seguir:

“Tinha um italiano por aqui, que queria impedir que a estrada pros assentamentos fosse construída só porque iria passar dentro de sua propriedade. Era uma coisa que ia melhorar a vida de todo mundo e não ia prejudicar a dele, mas mesmo assim ele fez de tudo para prejudicar” (Aldenor – presidente da colônia, 02/2011)

Diante destes fatos, podemos concluir que os nativos não só percebem as mudanças decorrentes da atividade turística na comunidade, como também atribuem a elas valores, formam uma percepção destas, incluindo os lados positivos e negativos. Mais do que isso, se apropriam destas mudanças que, provavelmente jamais aconteceriam senão em decorrência do turismo, no que lhes são favoráveis para melhorarem suas condições de vida, mas reivindicando sempre que se veem prejudicados.

Considerações finais

São Miguel do Gostoso, inicialmente uma vila pacata de pescadores - caracterizada pelo seu modo de vida simples e baseada no manuseio quase exclusivo do ecossistema local, cujas principais atividades econômicas eram a pesca e a agricultura, possui grande potencial turístico o que torna a comunidade um dos principais destinos entre turistas e veranistas.

Com a chegada do turismo na comunidade, uma série de mudanças estão, mudanças estas, que não se restringem apenas a infraestrutura local,

mas também nas atividades econômicas exercidas, nas práticas cotidianas, nas relações pessoais e no comportamento dos nativos.

Constatamos que a comunidade estudada, frente as mudanças engendradas pelo turismo, percebem- as pelos dois lados possíveis – positivo e negativo. Em geral, as mudanças são valorizadas pela comunidade em virtude das melhorias na infraestrutura local, entendido pelos nativos como um período de modernidade, em decorrência do saneamento básico, do calçamento das ruas, da chegada de bancos, pousadas, restaurantes e etc. Associam a modernidade ao surgimento de novas possibilidades econômicas e por terem acesso a novas tecnologias e informações.

As mudanças não são sempre positivas, vemos que elas também têm influenciado no ritmo de produção pesqueira, uma vez que a demanda pelo pescado aumentou consideravelmente nos últimos anos, resultado da procura dos turistas pela culinária local. As pressões criadas pelo mercado consumidor faz que os pescadores se rendam à um ritmo de produção dissonante do “tempo da natureza”, visto que, historicamente tanto a pesca como a agricultura na comunidade estavam voltadas para a subsistência, respeitando os ciclos de reprodução das espécies, a intensidade das marés, a sazonalidade dos ventos. A imposição do ritmo urbano-industrial sobre a produção local vem e promovendo a degradação dos estoques marinhos.

Também foi dito que o convívio com os turistas faz surgir entre os nativos, novas necessidades que sua economia não comporta, para tal procuram outras alternativas e nisto consiste a desarticulação da pequena pesca. A especulação imobiliária tem feito muitos pescadores venderem suas casas com acesso à praia para investirem em outras atividades como bares, restaurantes, mercearias, lojas de artesanato, muitos pescadores abandonam a pesca para viverem da renda advinda dos aluguéis de chalés construídos por eles em seus próprios quintais, ou trabalhando empregado em pousadas da cidade, como muitas de suas mulheres e filhos. Todavia, nem todos logram êxito, sem propriedades disponíveis na praia, perdem os espaços destinados à pesca e passam a viver em áreas periféricas, distantes de seu habitat, o mar.

Por fim, este trabalho conseguiu compreender a percepção que os nativos formam acerca das mudanças na comunidade, percebem-nas como tendo fatores positivos e negativos. Mais do que isso, se apropriam destas mudanças no que lhes são favoráveis para melhorarem suas condições de vida. Mas também reivindicando sempre que se veem prejudicados.

Bibliografia

BEZERRA, Marjorie Lopes. **Pesca e tecnologia da pesca artesanal em são Miguel do Gostoso-RN**. Natal/RN, 2009.

CICOUREL, Aaron. *Teoria e método em pesquisa de campo*. In: **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, p. 87-121.

CUNHA, L.H. *Saberes patrimoniais pesqueiros*. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente: diálogo entre saberes e percepção ambiental**. Curitiba, 2003, n.7, p. 69-76.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ed: Ática. 1983.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. *Curralistas e redierosde Marudá*. In: **Pescadores do litoral do Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

KLUCKHOHN, Florence. *O método de "obeservação participante" no estudo de pequenas comunidades*. In: **Sociologia – Revista didática e científica. Vol. 8 n. 02**, 1946.

LE GOFF, Jacques. *Memória étnica*. In: **História e Memória**. Campinas/SP: UNICAMP, 2003.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo-SP: Ed. Ática, 1986.

MILLER, F. de Souza. *"Biscates" como estratégia de sobrevivência* In: **A crise da pesca artesanal no Rio Grande do Norte**. Natal/RN, 1988

MUSSOLINI, Gioconda. *Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro*. In: **SCHADEN, Egon Ed. Homem, cultura e sociedade no Brasil: seleções da revista de antropologia**, Petrópolis: Vozes, 1972. p. 293-316.

SANTOS, C. R. **Um Estudo da percepção e dos usos da flora em comunidades de pescadores de São Miguel do Gostoso**. UFRN. Natal/RN. Iniciação Científica. PIBIC. 2009.

WEBER, Max. *Comunidade e sociedade como estruturas de socialização*. In: **FERNANDES, Florestan. (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

WOLF, Eric. (2003), *Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar* In: **Bela Feldman-Bianco e Gustavo Lins Ribeiro (orgs.), Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf**, São Paulo, Editora da UnB/Unicamp/Imesp.

_____. *O campesinato e seus problemas*. In: **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. p.9-34.